

UMA IDEIA de COMUNIDADE Literária

É uma ideia de aldeia, de comunidade, de paróquia. Uma ideia que alastrou a uma vila, a um concelho — Vila Velha de Ródão. Começou com uma conversa entre uma bibliotecária e um escritor, corria o ano de 2011: porque não um Encontro de Poetas em Vila Velha de Ródão?

Porque não?

“Temos o rio Tejo, barcos, grifos, jardins, comboio. Temos aldeias de xisto, temos museus, lagares, poetas populares.”

Temos o rio Tejo, barcos, grifos, jardins, comboio. Temos aldeias de xisto, temos museus, lagares, poetas populares. Temos uma população maravilhosa e ávida de cultura. Temos uma biblioteca, uma associação cultural, um grupo de teatro, serras, montes, ribeiros. Temos pessoas que gostam de ler e de discutir literatura. Temos boas comidas e muitos bolos tradicionais, queijos, enchidos, azeitão. Temos sol. Porque não? E porque não uma residência de poetas na Foz do Cobreiro?

Assim nasceu o Encontro de Poetas Poesia, um dia, muita vontade e persistência de Graça Batista, a directora da Biblioteca Municipal José Baptista Martins. E com o entusiasmo e aprovação da escritora Hélia Correia que, na altura, a convite da Biblioteca participava num debate sobre o seu livro para crianças *A Chegada de Twinky*. Dessa estadia na Foz do Cobreiro surgiu o poema que se publica nesta edição, dedicado à mãe do pintor Cargaleiro, nascida naquela aldeia.

Seguiu-se o convite, o desafio a poetas que agora são amigos de Vila Velha de Ródão e da Biblioteca, os organismos vivos que simbolizam aqui todo o espaço das aldeias do concelho, toda a população. Vieram nestes dois últimos anos a Margarida Vale de Gato, o José Mário Silva, o Miguel Branco, o Carlos Alberto Machado e escreveu-se poemas e leu-se poesia em barcos, comboios e jardins, em miradouros e pracetes.

E houve cinema, teatro, exposições, tertúlias, piqueniques, discussões, performances, espetáculos, instalações, feiras do livro, postais ilustrados com pinturas. E houve palmas, abraços, promessas, beijos, e uma alegre tristeza na despedida, uma alegria de saber que no ano próximo haverá de novo a Poesia, um dia com outros poetas, novas linguagens, sem distinções de idade, sem quaisquer preconceitos, num renovado encontro de afectos, de criação e de liberdade.

Jaime Rocha, *Poesia, um dia, Companhia das Ilhas*, 2014

POEMAS ESCRITOS, POEMAS DESENHADOS

OUTRO MEDO

Vimos também da varanda do cerro o rio que riscou a fronteira entre os que escolheram um novo nome e todos os outros mulheres e crianças primeiro testemunho do que foi sendo contado.

A água que ouvimos passar — depois das casas contar agora de cima — cobre e revela as pedras do leito olhadas por quem esteve aqui antes.

Apoiados no ferro longe da linha estamos a salvo das imagens que nos despem e fazem de nós mães filhos tios desses cuja morte tapam e nos mostram

juntando nós deitados depois os pontos que faltam.

Margarida Ferreira

“Escreveu-se poemas e leu-se poesia em barcos, comboios e jardins, em miradouros e pracetes.”

“A água que ouvimos passar — depois das casas contar agora de cima — cobre e revela as pedras do leito olhadas por quem esteve aqui antes.”



Correio Poético 2013, por Teodora Boneva

BALADA DO RIO OCREZA

Sob o céu de água, e setembro Desce o Ocreza, apressado, A encosta que, em Dezembro, Se há-de vestir de noivado.

Entre fragas, dividido Volta atrás, passa adiante Inquieto, de si perdido, Sem margens a cada instante

Lóbrego, fero, imprudente Cavalga poços, quebradas, Ferido como serpente Em novas águas passadas.

Às ordens da natureza, Faz-se tempo, sombra, mágoa, Até deixar, com tristeza, De ser rio, só ser água.

Vergílio Alberto Ferreira



Correio Poético 2012, por Teodora Boneva

O GATO E A VESPA

O gato foi à escola enquanto os poetas dormiam.

O gato foi ao leite e ao presunto enquanto a vespa azucrinhava por ali sob o olhar de um grifo que pairava.

Enquanto os poetas dormiam.

Vai-te embora, vespa, diz o gato, deixa estar a neve sossegada dentro da taça e não faças barulho, deixa os poetas dormir.

Não é neve, diz o grifo, é uma nêspere, está sentada ao colo de uma velha, foi um poeta da cidade* que deixou escrito.

Ora, uma nêspere, exclama a vespa, é mas é um pêssego. Ai é, responde o gato, vamos ver.

Enquanto os poetas dormiam.

O grifo rondava a escola como um corvo em cima de um comboio e gostava de ouvir o gato a comer o presunto devagar, olhando para o leite. A vespa zumbia, zumbia como um tractor e ria-se. Olha que isto é uma escola, diz o gato, e a escola não é para vespas.

Enquanto os poetas dormiam.

Até que vem a aurora, coberta de chuva, acordar os poetas e os galos ao mesmo tempo.

Mas o gato insiste, cuidado ó vespa, ainda cais no leite, olha que os poetas escrevem palavras que dançam nas praias douradas, deixa-os dormir.

A vespa não quis saber. Pensava que tinha o mundo todo a seus pés, o ar, as nuvens, as pessoas, as colinas, o rio, as bibliotecas, os barcos. Mas era um pensamento falso, um engano. Caiu na taça de leite e morreu.

É o que acontece às vespas que chamam pêssegos às nêspere.

Jaime Rocha

*O poeta da cidade é Hélia Correia. A vespa é a vespa. O grifo é o grifo. O gato é o gato. O leite é o leite. O presunto é o presunto. A escola é a escola. O gato é o gato. O leite é o leite. O presunto é o presunto. A escola é a escola.



Correio Poético 2014, por Elisa Aragão



Correio Poético 2013, por Elisa Aragão

ERA RUDA A LÍNGUA

Então cheguei e eram casas

Então cheguei e não vi rio, os margem. Casas havia

e em volta casas que eram a margem da luz depois do dia.

Que dias havia e dias depois. E luz, embora avara.

Era ruda a língua. Será sempre ruda a língua à chegada.

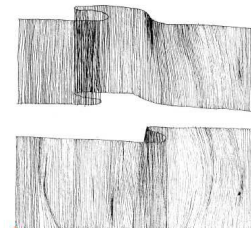
A beleza era, sôbolo rio que ia, difícil, dizia Ezra.

Era uma luz, pouca, na outra margem. Um salvamento no mar bravo. Uma longa guerra no mato.

Miguel Cardoso



Correio Poético 2012, por Elisa Aragão



Correio Poético 2012, por Teodora Boneva



Correio Poético 2014, por Elisa Aragão



Correio Poético 2014, por Rui Guerra



Correio Poético 2014, por Rui Guerra

